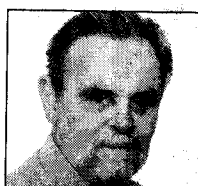


MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

O novo Senado

• “O Senado é melhor do que o céu, porque não é preciso morrer para chegar aqui”, dizia Darcy Ribeiro. E notem que Darcy, insopitável admirador do sexo frágil, conheceu o Senado com apenas uma senadora, Benedita da Silva. Ficaria fascinado ao vê-lo na próxima legislatura com dez senadoras, sendo sete de esquerda — seis do PT e uma do PPS, Patrícia Gomes, do Ceará.

A quase totalidade das mulheres eleitas veio das regiões mais pobres: do Norte, do Nordeste e do Centro-Oeste. Uma única senadora veio do Sul, Ideli Salvati, de Santa Catarina, que derrotou o representante do clã Bornhausen, Paulo, filho do patriarca Jorge. Paulista, filha de uma costureira, fez o seu caminho através do movimento sindical do professorado. Atribui a sua surpreendente vitória ao cansaço do povo com as oligarquias.

Caciques e oligarcas pagaram o imposto da derrota em muitos estados. No Acre, o ex-governador Nabor Júnior não conseguiu se reeleger. Foi substituído por Geraldo Mesquita, do PSB, ex-militante da Ala Vermelha, dissidência do PCB nos anos 60. No Amazonas, Gilberto Mestrinho, o Boto Tucuxi, foi derrotado para o governo e, no Senado, Bernardo Cabral também perdeu. No Pará, a renovação foi total. O Maranhão manteve a presença da oligarquia dominante na política local, elegendo Roseana Sarney, que não deve ter tido dificuldades financeiras na campanha, tal o volume de dinheiro de origem duvidosa que lhe foi apreendido. Ponta de iceberg, dizem por lá. O poder do grupo de Tasso Jereissati no Ceará foi confirmado com sua eleição para o Senado e a de sua candidata para a outra vaga, Patrícia Gomes.

Ex-governadores, aliás, têm se dado bem no Brasil inteiro. Uma exceção foi Dante de Oliveira, derrotado em Mato Grosso, apesar do bom governo que fez. Outra foi o ex-governador Íris Rezende, em Goiás, que não conseguiu renovar o mandato de senador. Aliás, só os membros da liderança do PMDB de moral homogênea que se candidataram a cargos proporcionais conseguiram sobreviver ao banho de água sanitária dado pelo eleitorado. Como toda regra tem exceção, Renan Calheiros, em Alagoas, manteve o lugar no Senado.

Os mineiros foram impiedosos no rigor de suas escolhas. Newton Cardoso teve menos de 6% dos votos para o governo e sequer conseguiu reeleger a mulher, Maria Lúcia, para um segundo mandato de deputado. Faltaram-lhe 107 votos.

O Estado do Rio garantiu a Leonel Brizola tempo de lazer suficiente para cuidar de sua fazenda no Uruguai. Elegeu o bis-

po Crivella, da Igreja Universal do Reino de Deus, cantor de músicas sacras e sobrinho do bispo Edir Macedo, líder máximo da igreja. Outro músico senador é o goiano Demóstenes Torres, ex-secretário de Segurança do governo de Marconi Perillo, grande apreciador de serenatas. Criou na polícia um coral afinadíssimo, que se apresenta em festas e eventos oficiais. Uma perda, tanto na musicalidade como na política. O senador José Fogaça, compositor profissional e o mais confiável e operoso senador gaúcho, não conseguiu renovar o seu mandato, perdendo para Paulo Paim, tradicional campeão de votos na bancada de deputados petistas. Não tem jeito: no Rio Grande do Sul quem não é chimango é maragato. José Fogaça e Antônio Britto trocaram o PMDB pelo PPS. O eleitorado não aprovou a mudança e ambos perderam as respectivas eleições.

A distribuição de poder no Senado continua conservadora. Tanto o PFL como o PMDB têm 19 senadores. A eleição de José Alencar para vice-presidente na companhia de Lula desempataria as bancadas. Seu suplente, um cidadão chamado Aélton José de Freitas, que nunca ninguém viu mais gordo, está inscrito no PMDB. Ganharia quatro anos de mandato numa bamburra de garimpeiro. No mesmo passo, daria a seu partido o direito de indicar o presidente do Senado, direito que o PT poderia aprovar, em troca do apoio ao seu candidato à presidência da Câmara. Foi numa barganha assim, liderada pelo senador Sérgio Machado, então no PSDB, que Jader Barbalho foi eleito presidente do Senado e Aécio Neves presidente da Câmara.

A grande estrela intelectual do novo Senado será Cristovam Buarque, eleito pelo Distrito Federal. Cristovam não é só um instigante analista do PT. É um humanista brasileiro e universal, na linha de seu finado amigo Betinho.

• **CORREÇÃO:** Escrevi outro dia que Lula havia perdido para Serra na cidade de São Paulo. Um leitor residente em Houston, Texas, me corrige. Lula teve na paulicéia 42% dos votos, menos do que sua média nacional, e Serra, 30,66%, percentual superior à sua média nacional. Fica a correção e o pedido de desculpas.